



PAPÉIS DE GÊNEROS E A VIVÊNCIA DA PATERNIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA INTERVENÇÃO EDUCATIVA EM SAÚDE

¹ Maria Alicia Vangleyse Romano; ² Fabiana Lima Silva; ³ Sebastião Elan dos Santos Lima.

¹ Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; ² Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; ³ Professor de Psicologia da Faculdade de Ciências da saúde do Trairí - FACISA/UFRN;

Área temática: Inovações em Psicologia, Psicoterapia e Saúde Mental

Modalidade: Comunicação Oral Online

E-mail dos autores: aliciaromano23@outlook.com¹; fabils2014@gmail.com²
sebastiaoelan@outlook.com³

RESUMO

INTRODUÇÃO: A chegada de um bebê causa intensas mudanças em todo sistema familiar, sendo essas mais prevalentes na mãe, a quem são atribuídos quase exclusivamente os cuidados parentais, relegando ao pai a função de provedor. Faz-se necessário repensar os modelos de assistência, incluindo cada vez mais o pai nos processos. As intervenções psicológicas podem contribuir para a inclusão da temática nos serviços de saúde. **OBJETIVO:** Objetiva-se relatar a experiência de uma intervenção de estágio realizada com mães, pais e familiares acompanhantes de neonatos internados em uma Unidade de Cuidados Intermediários Canguru (UCINCa). **MÉTODOS:** Trata-se de uma intervenção educativa em saúde, na qual se discutiu mitos e verdades sobre os papéis de gênero, assim como a construção e vivência da paternidade. A ação abarcou oito pessoas ao total, sendo cinco mães e três acompanhantes (um pai, uma tia e uma avó). **RESULTADOS:** A intervenção possibilitou a aproximação entre os participantes e a equipe, viabilizando maior abertura e engajamento na atividade. A partir das falas, foi possível compreender suas percepções e compreensões a respeito do papel paterno e materno. Para tanto, lançar mão da psicoeducação se mostrou eficiente para a reflexão dos genitores sobre os seus papéis, favorecendo o apoio mútuo e a construção de vínculos saudáveis entre mãe-pai-bebê. **DISCUSSÃO:** Os papéis de gênero são construídos historicamente e culturalmente, e reforçados pela socialização. Os participantes da intervenção demonstraram, em suas falas, o reconhecimento de tais aspectos. Outrossim, a vivência grupal influi na identificação entre os pares, colaborando com a construção de uma identidade grupal e apoio mútuo entre os membros. **CONCLUSÃO:** Embora haja uma crescente participação masculina nos cuidados parentais, ainda é prevalente a centralidade do feminino nos cuidados em saúde. As ações grupais são potentes na minimização dos danos psicoemocionais decorrentes da hospitalização.

Palavras-chave: Educação em Saúde; Papéis de Gênero; Paternidade.





1 INTRODUÇÃO

A chegada de um recém-nascido (RN) causa intensas mudanças em todo sistema familiar. Essas mudanças são mais prevalentes na futura mãe, pois ela é posta como a grande protagonista do ciclo gravídico-puerperal, abrigando o novo ser em seu corpo e fornecendo os meios para seu desenvolvimento. Ademais, após o nascimento, a maior parte dos cuidados - sejam eles físicos ou relacionados ao desenvolvimento emocional, psíquico e afetivo do bebê - são, histórica e socialmente, atribuídos à mulher (MALDONADO, 2017).

Os papéis de gêneros são construídos histórica, social e culturalmente, e enraizados no imaginário social. Nesse sentido, fortalecendo o ideário do homem associado ao papel de provedor e autoridade do lar, ou seja, posto como principal responsável por subsidiar financeiramente e manter a ordem familiar. E, embora atualmente haja uma maior participação e envolvimento do homem nos cuidados parentais, ainda se vê um estranhamento social quanto a essa mudança na dinâmica familiar (JESUS, 2022).

Além do mais, quando há intercorrências na gestação, e principalmente quando estas resultam no parto prematuro (antes das 37 semanas de idade gestacional), seguido da internação do RN em Unidades de Terapia Intensiva Neonatal (UTINs) e/ou Unidades de Cuidados Intermediários (UCINs), a mulher é mais requisitada a permanecer no hospital para acompanhar o RN. Assim, dentro dos serviços de saúde, ainda há uma centralização na mulher/mãe cuidadora, colocando o homem/pai como espectador, corroborando para a exclusão e afastamento deste dos cuidados e do acompanhamento da saúde dos neonatos (BERNARDO & ZUCCO, 2015). Desse modo, se faz necessário repensar o modelo de assistência à família, buscando adaptar-se aos novos modelos de família, incluindo cada vez mais o pai nos processos (SOARES et al., 2017).

Dessa maneira, as intervenções psicológicas podem contribuir para a inclusão e debate sobre os papéis de gênero e a paternidade nos serviços de saúde. E, quando realizadas grupalmente, potencializam a identificação entre os participantes, favorecendo o compartilhamento de experiências e a troca de informações. Além disso, são estratégias interessantes para a promoção de reflexão e tomada de consciência dos participantes quanto a aspectos importantes sobre o tema que, muitas vezes, podem passar despercebidos diante da rotina do ambiente hospitalar (KLEIN & GUEDES, 2008).

2 OBJETIVOS





Objetiva-se relatar a experiência de uma intervenção de estágio realizada com mães, pais e familiares acompanhantes de recém-nascidos internados em uma Unidade de Cuidados Intermediários Canguru (UCINCa). Ademais, buscou-se promover reflexões acerca dos papéis de gênero e da importância da presença e envolvimento da figura paterna para o desenvolvimento de recém-nascidos

3 MÉTODOS

Trata-se de um relato de experiência, resultado das atividades de Estágio Supervisionado para Formação do Psicólogo I, do 9º período, da ênfase de Saúde da graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). O estágio segue em andamento, se iniciou no período de março com previsão de conclusão em julho de 2023, na Maternidade Escola Januário Cicco (MEJC/UFRN/Ebserh), situada na cidade de Natal/RN, instituição de referência em reprodução assistida e gestações de alto risco do Estado.

A experiência aqui descrita refere-se a uma intervenção educativa em saúde denominada “Pescaria Temática”, que foi pensada e executada pela estagiária, juntamente com a preceptora e residente de psicologia do setor. Na eventualidade, cada participante “pescou”, com um palito de churrasco simbolizando a vara de pesca, um “peixe” feito de cartolina. Ao todo foram utilizados oito peixes de cartolina, e cada um deles continha uma frase afirmativa colada ao verso. Estas frases poderiam ser mitos ou verdades sobre o processo de construção e exercício da paternidade e sobre papéis de gênero. Ao todo, foram elaboradas três frases referentes aos mitos e cinco frases referentes às verdades.

Os participantes, voluntariamente, realizaram a pesca e leitura da frase escrita para os demais membros. Após a leitura, foi pedido para que todos opinassem sobre o que estava escrito, estimulando a tomada de protagonismo por via da expressão dos sentimentos e do compartilhamento das experiências de cada pessoa. No momento da discussão, a estagiária e a preceptora se utilizaram da psicoeducação para realizar a síntese das narrativas trazidas e complementar com informações teórico-científicas. A intervenção foi realizada em um horário específico da manhã (10 horas), visto a existência de uma rotina de cuidados com os bebês no setor, de maneira a não gerar prejuízos à rotina da UCINCa. A ação conseguiu atingir o público de oito pessoas, sendo estas cinco mães e três



acompanhantes (um pai, uma tia e uma avó). Ao final da atividade, foi entregue um panfleto, produzido pela estagiária, contendo informações acerca da temática trabalhada.

4 RESULTADOS

A intervenção possibilitou a aproximação entre os participantes e a equipe de psicologia, viabilizando uma maior abertura e engajamento na atividade. A partir das falas de cada um, foi possível ter uma melhor compreensão sobre a história pessoal de cada genitor/genitora e dos outros parentes participantes, bem como sobre suas percepções e compreensões a respeito do papel paterno e materno. Além disso, observou-se nos discursos de cada participante o reconhecimento do aspecto cultural associado e envolvido na história pessoal de cada um, considerando suas experiências, valores e ideias, que refletem em suas relações e escolhas.

Também foi oportunizado o enriquecimento pela discussão em torno do tema trabalhado com genitores/genitoras na vivência da internação hospitalar, estimulando a reflexão sobre os papéis materno e paterno, aquisição de habilidades e maior segurança e eficácia. Toda a ação teve como intuito o fortalecimento da competência materna e paterna e, conseqüentemente, a construção de vínculo mãe/pai-bebê. Para tanto, lançar mão da psicoeducação como técnica se mostrou eficiente para a reflexão dos genitores sobre os seus papéis, favorecendo o apoio mútuo, e a construção de vínculos saudáveis entre mãe-filho e pai-filho.

Na oportunidade, os genitores expressaram seus sentimentos, vivências e opiniões a partir do que liam e ouviam dos demais participantes. Ademais, a atividade gerou e agregou novos aprendizados à vivência do estágio, com fortalecimento da atuação psicológica em grupo, assim como o desenvolvimento de habilidades e competências pela estagiária para a atuação em saúde.

5 DISCUSSÃO

Os papéis de gênero são construídos histórica e culturalmente, e reforçados pela socialização. Desde a infância, as mulheres são ensinadas e incentivadas para a realização dos cuidados domésticos e com os possíveis filhos. Assim, os aspectos da reprodução social e da vida são objetivamente e subjetivamente atribuídos e incorporados por elas. Por outro lado, os homens são estimulados à realização de trabalhos manuais, mais objetivos e pragmáticos. Tal processo corrobora para o





afastamento e exclusão das práticas de cuidado no âmbito familiar, como também os priva da aquisição de habilidades e experiências importantes em termos afetivos e de competências sociais (JESUS, 2022).

Corroborando com tais afirmações, os participantes da intervenção demonstraram, por meio de suas falas, o reconhecimento dos aspectos sócio-históricos e culturais envolvidos nos papéis de gênero. As mulheres trouxeram em seus discursos o entendimento de que o homem poderia e deveria ter o mesmo grau de envolvimento nos cuidados que elas tinham. Por outro lado, o homem/pai participante entendia que não era capaz de exercer tão bem os cuidados, pois sua própria “natureza” o impossibilitava de tal. Contudo, também reconhecia algumas condições suas que favoreceriam os cuidados com seu RN, por exemplo suas mãos grandes que conseguiam segurar totalmente o bebê, o que, em sua percepção, contribuiria para que ele se sentisse protegido. Assim, a psicoeducação se mostrou útil e eficaz para a desmistificação das crenças sobre a temática trabalhada, bem como o próprio grupo mostrou-se potente e rico para realizar uma discussão crítica dos aspectos levantados.

Além disso, o momento da hospitalização de um filho mobiliza nos pais e nos familiares sentimentos de angústia, tristeza e medo. Esse momento também evidencia as disparidades de gênero frente aos cuidados, centralizando a responsabilidade do acompanhamento e cuidado nas mulheres, partindo do pressuposto de maior aptidão destas e pouca ou nenhuma destreza dos homens para os cuidados (BERNARDO & ZUCCO, 2015). Durante a ação, as mães relataram sentir-se pressionadas e cansadas, afirmando incompreensão de alguns familiares sobre os processos de internação hospitalar e evolução do RN.

Em razão disso, se faz urgente um maior incentivo à participação, envolvimento e acompanhamento do pai ao RN internado. Isso pois ele também sofre, preocupa-se e sente os impactos da hospitalização, podendo ser uma significativa fonte de apoio social para a mulher e contribuir para uma maternagem mais responsiva o que, conseqüentemente, influi no desenvolvimento e na recuperação dos filhos (SOARES et al., 2015). As mulheres/mães perceberam e relataram a preocupação e sofrimento dos seus companheiros devido ao quadro de saúde do RN, reconhecendo a importância de sentir-se compreendida e apoiada. Outrossim, a vivência grupal influi na identificação entre os pares, colaborando com a construção de uma identidade grupal e fornecimento de apoio mútuo entre os membros.

6 CONCLUSÃO





Embora na atualidade seja observada uma crescente participação masculina nos cuidados parentais, salientando a construção de dinâmicas familiares mais diversas e igualitárias para homens e mulheres, ainda é prevalente a centralidade do feminino nos cuidados em saúde. Além disso, são incipientes as ações e políticas em saúde que se voltem e reconheçam a relevância da temática da paternidade e da implicação dos papéis de gênero nesta. Nesse sentido, é primordial a construção de saberes e práticas em saúde que acolham e concedam espaços para a expressão e realização das múltiplas formas de exercício da paternidade, entendendo a pertinência desta para o desenvolvimento e recuperação dos bebês.

A experiência contribuiu significativamente para a formação da estagiária, pois possibilitou a aquisição e aprimoramento das habilidades e técnicas grupais. Ademais, a integração e o contato com a realidade de cada participante favoreceram o processo vinculatório e o exercício empático entre a equipe, as puérperas e os acompanhantes. Momentos como este revelam a potência grupal para o suporte, identificação e construção de identidades entre os membros, contribuindo para a minimização dos possíveis danos psicoemocionais durante e após a hospitalização.

REFERÊNCIAS

BERNARDO, Fabiula Renilda; ZUCCO, Luciana Patrícia. A centralidade do feminino no método canguru. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, p. 154-174, 2015.

JESUS, Taissa Mendonça. Masculinidades e o envolvimento de homens nos cuidados às crianças e adolescentes em âmbito familiar. **O Social em Questão**, v. 1, n. 55, p. 59-80, 2023.

KLEIN, Michele Moreira de Souza; GUEDES, Carla Ribeiro. Intervenção psicológica a gestantes: contribuições do grupo de suporte para a promoção da saúde. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 28, p. 862-871, 2008.

MALDONADO, Maria Tereza. Psicologia da gravidez: gestando pessoas para uma sociedade melhor. **Ideias & Letras**, 2017

SOARES, Rachel Leite de Souza Ferreira et al. Ser pai de recém-nascido prematuro na unidade de terapia intensiva neonatal: da parentalidade à paternidade. **Escola Anna Nery**, v. 19, p. 409-416, 2015.

